

**Provas de Avaliação de Capacidade para a Frequência dos Cursos
Superiores da Escola Superior de Educação de Coimbra dos Maiores de 23
Anos
Ano Letivo 2026/2027**

CURSO(S)_
TEATRO E EDUCAÇÃO

ESPECÍFICA_
TEATRO

CONTEÚDOS_

A prova específica de Teatro compreende as seguintes componentes:

A - Improvisação a partir de temas sugeridos pelo júri, visando avaliar a capacidade do candidato para responder sem preparação prévia a propostas de jogo teatral, a sua capacidade de relacionamento com os outros, com o espaço e com os objetos, a imaginação, a capacidade de transformar o real em ficção.

B - Apresentação de uma cena dialogada (Diálogo), selecionada pelo júri, visando avaliar a forma como o candidato aborda a personagem, o domínio do texto, a sua capacidade vocal, a expressividade corporal, a verdade interior e a contracena.

C - Apresentação de um monólogo, selecionado pelo júri, visando avaliar a forma como o candidato aborda a personagem, o domínio do texto, a capacidade vocal, a expressividade corporal e a verdade interior.

D - Entrevista em que será avaliada a cultura teatral do candidato a partir de questões dramáticas suscitadas quer pelos textos selecionados pelo júri para a prova prática, quer pela restante bibliografia recomendada.

Informações:

Cada pessoa candidata deverá escolher apenas **um** dos dois textos de monólogo.

Durante a realização das provas, os textos não poderão ser lidos. Apenas quem acompanhar a prova de diálogo poderá utilizar o texto impresso ou outra forma de registo.

A obra deverá ser lida integralmente.

BIBLIOGRAFIA_.

Wedekind, Frank (2013). *O Despertar da Primavera*. (Tradução de João Barrento). Edições Húmus. Coleção teatro Nacional São João.

Consultar Documento em anexo

PROVA: Monólogo 1

2º ato. Sétima cena (adaptada)

MORITZ

É melhor assim. Eu estou a mais aqui. Eles que se matem e esfolem uns aos outros. Vou bater com a porta e fugir disto tudo. Não estou muito interessado em me deixar desviar do meu caminho.

Não fui eu que quis estar aqui. Porque é que agora havia de insistir? Não fiz nenhum contrato com Deus Nosso Senhor. Dêem as voltas que derem, vai tudo dar ao mesmo. fui obrigado a isto. Não culpo os meus pais, mas acho que eles deviam estar preparados para o pior. Afinal de contas, já tinham idade suficiente para saber o que estavam a fazer. Eu era um bebé quando vim ao mundo. Se não fosse isso, teria a esperteza de me transformar noutra. E que culpa tenho eu de todos os outros já cá estarem?

Devo ter sido muito parvo... Mas se alguém me der de presente um cão raivoso, eu devolvo-lhe o cão raivoso. E se ele não quiser ficar com o cão raivoso, nesse caso eu tenho um gesto humano e...

Devo ter sido mesmo muito parvo!

Se nascemos por acaso, porque é que depois de pensarmos bem não havíamos de... É de dar um tiro nos miolos! O tempo, pelo menos, está a condizer. Todo o dia a ameaçar chuva, e acabou por não chover. Sinto uma estranha paz na natureza.

(...)

Hoje não vou chorar mais. Não vou pensar outra vez no meu enterro... O Melchior depois pôe-me uma coroa no caixão. O pastor consola os meus pais e o reitor cita uns exemplos da história. Provavelmente não vou ter pedra tumular. Gostava que me pusessem numa urna de mármore branco sobre um pedestal de cianite preta. Mas não lhe vou sentir a falta, graças a Deus. Os monumentos são para os vivos, não são para os mortos.

Precisava de um ano para me despedir de todos em pensamento. Não vou chorar mais.

(...)

Agora ficou escuro. Agora já não vou para casa.

Prova: Monólogo 2

Segundo ato
Quinta cena

SENHORA GABOR

Caro Senhor Stiefel!

Depois de ter pensado e voltado a pensar, durante vinte e quatro horas, sobre tudo o que me escreveu, respondo à sua carta com um peso no coração. Não posso arranjar-lhe – garanto-lhe por tudo o que tenho de mais sagrado – a soma que me pede para a viagem para a América.

Primeiro, porque não disponho de tanto dinheiro, e segundo porque, ainda que o tivesse, cometeria o maior pecado que se pode imaginar se pusesse à sua disposição os meios para levar a cabo um ato tão irrefletido e de consequências tão graves. Seria uma grande injustiça, Senhor Stiefel, se visse nesta minha recusa um sinal de menos amor.

Pelo contrário, seria faltar ao meu dever de mãe de um amigo seu se me deixasse levar pela sua desorientação e perdesse também a cabeça, cedendo cegamente aos meus primeiros impulsos. Estou disposta... se assim o desejar ...a escrever aos seus pais. Tentarei convencê-los de que no decorrer deste trimestre o senhor fez o que podia fazer, que trabalhou até ao limite das suas forças e que um juízo demasiado severo sobre os seus resultados não só seria injusto, como, acima de tudo, poderia ter efeitos altamente nefastos sobre a sua saúde física e mental.

Quanto à sua alusão à possibilidade de atentar contra a sua vida no caso de não lhe ser possível a fuga, devo dizer-lhe francamente, Senhor Stiefel, que ela me surpreendeu. Por menos culpado que se seja de qualquer desgraça, nunca devemos cair na tentação de recorrer a meios menos honestos.

O modo como pretende tornar-me responsável, a mim, que sempre lhe dei provas de querer o seu bem, pela eventualidade de um ato ímpio tão terrível, é qualquer coisa que, aos olhos de uma pessoa mal-intencionada, poderia facilmente ser interpretada como chantagem.

Devo confessar-lhe que o senhor, que de resto é tão ciente do respeito que devemos a nós próprios, seria a última pessoa de quem eu esperaria tal comportamento. No entanto, estou absolutamente convencida de que foi o impacto do primeiro susto que o levou a pensar num ato de cujas consequências não tomou verdadeiramente consciência.

Espero, assim, que estas minhas palavras o encontrem num estado de espírito mais controlado. Aceite as coisas como são.

Na minha opinião, é absolutamente inaceitável julgar um jovem pelo seu sucesso ou insucesso escolar. Não faltam exemplos de maus alunos que se tornaram homens excelentes, e também do contrário, de alunos brilhantes que depois não fizeram grande coisa na vida. Por isso, coração ao alto, Senhor Stiefel!

Todos estamos sujeitos a crises dessas, ou outras, e o que é preciso é vencê-las. Se todos pegassem logo em punhais e veneno, em pouco tempo não restaria muita gente neste mundo. Dê notícias suas e aceite as mais afetuosas saudações daquela que será sempre... uma mãe...uma amiga.

Fanny Gabor.

PROVA: Diálogo

Primeiro ato. Quinta cena. (cena adaptada)

WENDLA Mas o que é que me querias perguntar, Melchior?

(...)

MELCHIOR (...) O que é que sonhaste há bocado, Wendla, quando estavas deitada na erva lá no ribeiro?

WENDLA Disparates... Pateticos...

MELCHIOR De olhos abertos?

WENDLA Sonhei que era uma menina pobre, muito pobre, uma mendiga, e que me mandavam logo às cinco da manhã para a rua, e eu tinha de pedir durante todo o dia à chuva e ao frio, estender a mão a gente bruta e sem coração. E se voltasse a casa à noite, a tremer de frio e fome, sem o dinheiro que o meu pai queria, ainda me batiam, batiam-me...

MELCHIOR Estou mesmo a ver. Wendla, leste isso nessas estúpidas histórias para crianças. Acredita em mim: já não há gente assim tão cruel.

WENDLA Há, sim, Melchior, estás muito enganado. A Martha Bessel apanha todas as noites, vêem-se os vergões no dia seguinte. Nem imaginas o que aquela sofre! Uma pessoa ferve só de a ouvir. Tenho tanta pena dela que muitas vezes acordo a meio da noite a chorar. Há meses que ando a magicar numa maneira qualquer de a ajudar. Eu ficava feliz se pudesse estar no lugar dela uma semana.

MELCHIOR Nós devíamos era fazer queixa do pai dela. Havia de ver como lhe tiravam a filha.

WENDLA A mim, Melchior, nunca ninguém me bateu, nem uma vez. Nem consigo imaginar o que é apanhar uma sova. Até já bati a mim própria para saber como é que uma pessoa se sente. Deve ser uma sensação horrível!

MELCHIOR Eu não acredito que uma criança se corrija com isso.

WENDLA Com quê?

MELCHIOR Com pancada.

WENDLA Com esta vara, por exemplo. Ih, que fina e que dura!

MELCHIOR Essa faz sangue.

WENDLA Eras capaz de me bater com ela?

MELCHIOR A quem?

WENDLA A mim.

MELCHIOR Não estás boa da cabeça, Wendla?

WENDLA E então, o que é que tem?

MELCHIOR Está calada! Não te bato coisa nenhuma!

WENDLA E se eu te deixasse?

MELCHIOR Nunca na vida!

WENDLA Mas, se eu te pedisse, Melchior?

MELCHIOR Estás doida?

WENDLA Nunca me bateram em toda a minha vida.

MELCHIOR Como é que podes pedir uma coisa dessas?

WENDLA Por favor, por favor...

MELCHIOR Espera, que já vais saber o que é pedir!

(Bate-lhe.)

WENDLA Meu Deus, não sinto nada!

MELCHIOR Claro, com essas saias todas...

WENDLA Então bate-me nas pernas!

MELCHIOR Wendla!

(Bate-lhe com mais força.)

WENDLA Isso é fazer festas! Estás-me a fazer festas!

MELCHIOR Espera aí, bruxa, que já te tiro o diabo do corpo!